



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

MEMÓRIAS DE UM “PRETÉRITO IMPERFEITO”: UMA LEITURA DA OBRA DE BERNARDO KUCINSKI



MEMOIRS OF AN “PRETÉRITO IMPERFEITO”: A READING OF BERNARDO KUCINSKI’S BOOK

Lara Faria Jansen FRANÇA
Universidade do Estado do Pará, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 25/04/2021 • APROVADO EM 01/02/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3433>

Resumo

A literatura brasileira contemporânea tem sido alvo de diversos debates no que se refere aos caminhos críticos e metodológicos de investigação das suas produções. Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar uma possibilidade de leitura do livro *Pretérito imperfeito*, de Kucinski (2017), uma publicação recente na história literária do país. Para isso, adotou-se a orientação metodológica qualitativa e bibliográfica juntamente com o embasamento teórico de autores como Cury (2008), Pellegrini (2011), entre outros, de forma a propor uma análise com foco na categoria ‘espaço’ enquanto caminho de interpretação para os elementos que compõem a obra e, que, por sua vez, são mediados pela linguagem. Nessa perspectiva, pode-se compreender como a potencialidade significativa da obra literária perpassa pelo papel atuante do leitor para além de receptor, uma vez que os significados do texto literário se realizam também a partir do diálogo com a formação social daqueles que leem a obra.

Abstract

Contemporary Brazilian literature has been the subject of several debates regarding the critical and methodological ways of investigating its productions. Therefore, this article aims to present a possibility of reading the book *Pretérito imperfeito*, by Kucinski (2017), recently published in the country's literary history. For this, the qualitative and bibliographic methodological guidance was adopted together with the theoretical basis of authors such as Cury (2008), Pellegrini (2011), among others, to propose an analysis focusing on the category 'space' as a path of interpretation for the elements that make up the work and, in turn, are mediated for language. From this perspective, it is possible to understand how the significant potential of the literary work permeates the active role of the reader beyond the recipient, since the meanings of the literary text are also realized from the dialogue with the social formation of those who read the work.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura brasileira. Bernardo Kucinski. Espaço.

Keywords: Brazilian literature. Bernardo Kucinski. Space.

Texto integral

Introdução

"Esta é uma história sem começo nem fim" (KUCINSKI, 2017, p. 38). Assim tem início o décimo quarto capítulo do livro *Pretérito Imperfeito*. Uma sentença que poderia muito bem corresponder ao próprio âmago da história narrada: a trajetória de um narrador-personagem não nomeado que é único e muitos ao mesmo tempo, uma vez que as circunstâncias que compõem sua história refletem um cenário social habitado por muitos brasileiros. Intercalada entre passado e presente, a construção narrativa pela qual o narrador caminha traz à tona outras vozes que ecoam nas experiências retratadas, de forma que suas memórias pessoais se relacionam também com uma memória histórica e social de denúncia de uma consciência coletiva que ainda domina a formação da sociedade atual.

A travessia tecida pela linguagem do autor desvela espaços e tempos habitados por memórias íntimas que ecoam em sentimentos, percepções e comportamentos herdados de um passado inacabado. Dessa forma, o pretérito imperfeito, como tema constante das reflexões do narrador, evidencia uma história além do alcance de mudanças e que esbarra no tom subjuntivo do que poderia ter sido, ao mesmo tempo em que traça uma continuidade que os direciona para um tempo com possibilidade de resolução.

Escrito pelo professor e jornalista Bernardo Kucinski e publicado em 2017, o romance contemporâneo aborda questões como o racismo, a dependência química e a prática da adoção 'à brasileira' por meio de uma reflexão memorialística de um pai, o personagem central da história. E, como em obras publicadas anteriormente, o autor apresenta aos leitores mais um olhar acerca do relacionamento entre pais e filhos envolto em questões que se excedem a eles e integram-se ao coletivo. Se em *K. Relato de uma busca* o luto incide sobre a

imaterialidade causada pelo desaparecimento de uma filha, em *Pretérito imperfeito* a perda é desencadeada a partir de um filho que, apesar de presente, torna-se inalcançável.

Realidade enquanto ficção e ficção enquanto realidade, a composição da narrativa apresenta-se entrelaçada tanto por cenários e episódios que de fato ocorreram em vida quanto por criação literária, como a carta que inicia a obra. Um relato pessoal concebido pela ficção que se revela, sobretudo, dialógico com a sociedade brasileira. E, portanto, reconhecível e familiar para aqueles que também trazem consigo as questões abordadas pelo livro.

Tal contínuo estabelecido entre experiência individual e história sociocultural observado na obra nos conduz ao seguinte questionamento: como a linguagem desvela a reciprocidade entre as vivências da relação paterno-filial e as questões que constituem a rede narrativa que sustenta o enredo? Em busca de compreender essa linguagem que relatou a si, retratou o outro e criou o espaço de diálogo entre eles, o presente artigo lança-se ao encontro dos estudos de Cury (2008), Pellegrini (2011), entre outros, para construir um percurso que atenda a essa inquietação.

Um breve olhar sobre o livro

Pretérito Imperfeito (2017) é o quinto livro literário de B. Kucinski, após longa trajetória como escritor de não-ficção. A história apresenta o relato de um pai que nos conta sua relação com o filho adotivo durante a infância, adolescência e parte da vida adulta, intercalado em alguns momentos com perspectivas de outros personagens que influenciaram de alguma forma suas ações no papel de pai, bem como o olhar deste sobre o filho, sujeito central da tessitura do relato.

O princípio da narrativa tem encontro com a decisão tomada pelo pai ao final de uma vida composta por experiências e percepções frustrantes acerca do vínculo paterno-filial fragilmente desenvolvido a partir de uma adoção inesperada e ilegal. O personagem, então, narra o conteúdo da carta direcionada ao adotado com o objetivo de eximir-se de uma relação que não tinha mais como prosperar e que ao narrador já havia resultado em sofrimento e desgaste em demasia. Uma epístola sem a intenção de receber resposta, era a carta de alforria concedida a si.

Após tal posicionamento a narrativa segue em um plano espaço-temporal que alterna as lembranças relatadas pelo pai, intrusões de perspectivas próprias de outros personagens, manchetes de jornal, relatório de inquérito policial, entre outras. Apesar disso, é a memória do pai o princípio basilar que conduz o leitor em meio às vivências que, gradativamente, resultam no afastamento e rompimento da relação afetiva.

Em uma narração objetiva, no que diz respeito a tentativa de compreender sua relação com o filho a partir perspectivas científicas e não somente apoiado no próprio juízo de valor, de tom reflexivo e decomposta em curtos capítulos, o narrador executa um diálogo ao mesmo tempo questionador e elucidativo com suas próprias reminiscências acerca dos momentos passados junto ao filho, de maneira a tentar chegar a uma compreensão sobre a decisão exposta no início do livro. Sua paternidade, então, nos é apresentada juntamente com os flagelos que

repercutiram profundamente no desenvolvimento do filho adotivo: a adoção à brasileira, o racismo e a dependência química.

Assim, o passado é reavaliado e reposicionado pelo presente por meio da reflexão de teorias diversas, como a psicologia, a história, a arte. Dessa maneira, o personagem busca preencher as lacunas de seu relacionamento com o filho, as escolhas e atitudes dele, os acontecimentos que culminaram no exílio deste, bem como entender as falhas que cometeu enquanto pai muitas vezes distante. E além, é também nessa travessia revivida que o narrador continuamente se pergunta sobre o que deveria ter feito na infância e juventude do filho que pudesse ter evitado a ruptura na relação deles.

Entre as veredas de um pretérito imperfeito

O livro que impeliu a escrita deste artigo é bastante recente na historiografia literária brasileira, datando de apenas quatro anos desde a sua data de publicação. Como literatura contemporânea que excede o campo de análise já fundado e legitimado pelo cânone nacional e parte de uma trajetória de produção literária ainda em andamento, torna-se necessário trazer ao estudo uma reflexão acerca da proximidade do meio em que a obra foi concebida junto ao processo de crítica que se realizará a partir dela. Um meio que por corresponder à atualidade também se encontrará em território sem fronteiras definidas, entre as tradições histórico-literárias delimitadas que precederam a obra e os caminhos ainda não determinados que a literatura nacional está, neste momento, trilhando. Sobre isso, Cury comenta:

A dificuldade de caracterização e “classificação” dessas produções encontra-se, entre outras, também no fato de estarem muito próximas a nós, temporal e espacialmente, e de seus autores ainda estarem escrevendo e publicando seus textos. Além disso, diferentemente da criação poética cujo marco hegemônico no Brasil é o Modernismo – é claro, com linhas dele decorrentes muito variadas e distintas –, a produção contemporânea em prosa não tem, digamos assim e grosso modo, uma vertente fundadora. Por tudo isso, sua compreensão e seu estudo representam desafios para a crítica e teoria literária brasileiras contemporâneas, ainda mais por propor a avaliação de autores ainda não consagrados ou que podem apresentar novidades e reversões nas expectativas iniciais de recepção e que se encontram num espaço cultural em processo de configuração. (CURY, 2008, p.8)

Como, então, delimitar o estudo de uma obra contemporânea? Diversas são as questões que permeiam a apreciação por parte da crítica tais como, por exemplo, o diálogo que um texto pode estabelecer com padrões delimitados por tradições literárias, ou as estratégias discursivas presentes e as mudanças que elas trazem consigo, ou que vozes constituem as linguagens da produção atual, ou como a contemporaneidade institui tais vozes e penetra nessa produção, entre outras mais. Tanto quanto são múltiplos os caminhos de leitura e análise, são também

fluídas as considerações que delas surgirão, principalmente por estar integrando, junto à obra, um espaço social em formação.

Cury (2007) discorre sobre a categoria 'espaço' como possibilidade metodológica para posicionar as análises de livros contemporâneos em meio a um vasto horizonte de perspectivas. Para a autora, a escolha do espaço como referência de pesquisa torna propício a expansão da compreensão do texto por desvelar outras partes composicionais que se relacionam com essa categoria principal, sem, no entanto, estancar a potencialidade de significação da obra. Por isso a autora destaca o conceito de espaço presente na obra de Yi-Fu Tuan (1983), uma vez que, mesmo deslocado de outro campo do saber das ciências humanas, possibilita compreender o corpus da literatura em múltiplas perspectivas, como a memória, a desterritorialização, o urbano, a identidade, a alteridade, entre outros que podem sustentar o campo analítico da obra na medida em que alcançam os deslocamentos operados por ela.

Assim, o espaço descrito por Tuan (1983) é definido a partir da integração entre o ambiente e as relações estabelecidas nele. Ou seja, mais que um lugar físico, o espaço ganha existência por meio do significado afetivo e, por isso, não possui também uma temporalidade determinada. Uma vez que as experiências permitem o acesso e a interpretação de um espaço, ele se torna aquilo no qual se atribui valores na mesma medida em que os indica para o indivíduo com quem dialoga. Dessa forma, a percepção de espaço no livro de Kucinski adentra a própria formação do narrador quando este nos apresenta as experiências que compuseram sua trajetória com o filho, na qual a memória atua como guia na revisitação de fragmentos do seu passado, onde a ideia de espaço se desloca de um lugar físico para um lugar de vivência.

E, por isso, torna-se uma alternativa interessante para a reflexão do *corpus* deste artigo, uma vez que muitos são os espaços que compõem a história de *Pretérito imperfeito*. E além, que atravessam o tempo narrado e as páginas do livro para se materializarem junto à realidade em que circula. Tais espaços são delimitados por diversos elementos no percurso narrativo, os quais também são responsáveis pelo deslocamento entre os próprios conceitos de ficcional e real ao transpor os limites que os afastam.

Tal efeito é constituído a partir de uma série de recursos discursivos, tais como estratégias anafóricas e intercalação entre primeira e terceira vozes do discurso, que transformam a própria linguagem do livro em um ancoradouro de alteridades que irão expandir a identidade revelada pelas recordações da relação familiar apresentada. As figuras centrais da história têm, então, como uma de suas posições comportar o deslimite dessa expansão: ao narrar a história do filho a partir das percepções do pai, o autor desvela um espaço de encontro como possibilidade de compreensão acerca da significação do texto, na medida em que este é preenchido pelo compartilhamento que se dá entre narrador e leitor.

Assim, as escolhas estilísticas de Kucinski transmutam o ato de narrar para além do conflito sempre à beira da iminência que ocorre entre os personagens, uma vez que o enquadramento daquela vida por meio da linguagem imagética usada pelo escritor traz questões inscritas na formação da sociedade brasileira, a exemplo da violência institucionalizada. Por isso, a alteridade se torna parte essencial na construção do espaço em que ficção e realidade estão atadas para

delinear o lugar de reconhecimento do leitor na individualidade memorialística do livro. Logo, o ato narrativo de Kucinski se concretizará com a incorporação do lugar de experiência do leitor na consciência do narrador personagem, deslocamento este que será iniciado com a escolha da não identificação de grande parte dos personagens do livro. Sobre isso, também podemos destacar a seguinte reflexão de Calfa (2014):

Pensar o espaço é também questionar o vazio que o constitui, identificado este como falta de algo, o nada enquanto carência, lacuna. O vazio não é o desocupado, nem o destituído. Ele é a condição de toda possibilidade, fonte originária que desvela o mistério de ser, em meio ao qual procuramos pensar toda vigência e toda ausência como excessividade poética. Vazio é o que permite todo figurar-se e lançar-se, criando escritas infinitas de mundo, que se tecem tempo-espaço, e se mostram como imagem, teia, passagem, o entre os nós e o vazio: o fio que atravessa a agulha. (CALFA, 2014, p. 80)

É possível, então, observar o fio condutor que enlaça passado e presente, narrador e leitor por meio do entrecruzamento da história ficcional com travessias sociais e reais que compõem as experiências infindas da sociedade brasileira e que tocam o vivido no meio em que a obra é recepcionada, a exemplo de tantas outras histórias de discriminação, violência e fracassos de modelos educacionais que frequentemente circulam na mídia. Uma história que poderia ser a de tantas outras pessoas e, por isso também, sem começo e nem fim. Um pretérito imperfeito, inacabado, que continuamente se prolonga para o presente. Esse encontro entre ficção e realidade, principiado com o vazio deixado pela ausência de nomes, permite os deslocamentos entre o coletivo e o pessoal, o relato de experiência e o literário, que muitas vezes penetra o político, no que tange à vida em coletividade.

Uma cena que explicita esse efeito, e que reverbera por toda a obra no que tange à questão do racismo estrutural, é uma das lembranças do pai acerca do progresso escolar do filho adotivo na infância, pouco depois de este apresentar algumas dificuldades no desenvolvimento cognitivo e comportamental:

Anos depois, adolescente, se recusaria a competir em campeonatos esportivos - embora os treinadores insistissem, por ser um dos melhores na natação - e a participar dos shows escolares de fim de ano, quando lhe pediam inutilmente que tocasse violão. Tomei sua recusa como modéstia, mais que modéstia: um traço positivo de caráter, não se comprazer em derrotar o outro, nem se render à vaidade. Hoje, suspeito de outro traço, de personalidade. É como se ele se sentisse um clandestino no navio da existência, um viajante ilegal, um passageiro sem bilhete que precisa se esconder até o final da travessia. (KUCINSKI, 2017, p.42)

Primeiramente, faz-se essencial destacar a polaridade da ascendência entre pais e filho no livro, afastados em relação a aceitabilidade social e, mesmo assim, próximos quanto ao exílio histórico que as linhagens carregam. O pai, descendente

de libaneses, e a mãe, judia, ambos brancos, de grupos oriundos da região do Oriente Médio e orgulhosos de suas histórias familiares, de acordo com a voz narrativa paterna, estabelecem junto à criança adotada o primeiro traço de distanciamento que implicará na relação familiar e ecoará nos demais acontecimentos decorrentes.

Quando do arranjo ilegal de adoção da criança, o pai se encontrava à trabalho no exterior com as filmagens de um documentário sobre a revolução sandinista na Nicarágua. Era um momento marcado por protestos e movimentos de contestação contra a repressão, como a queda do Xá da Pérsia e o fim da ditadura militar no Brasil (que assumirá um marco importante no decorrer do enredo). Cineasta de renome, o narrador construiu carreira junto a um amigo druso também originário do Oriente Médio, com produções visuais sobre povos segregados em busca de autonomia como a diáspora palestina, por exemplo.

É nesse momento próspero e efervescente que ele recebe a ligação da esposa com a notícia da chegada da criança e seu questionamento sobre ficarem com ela. O pai, de modo apressado, acata a decisão sem refletir profundamente sobre o significado desse ato. Ao final do capítulo em que conta seus feitos como documentarista, o narrador relembra como a novidade da paternidade se envolveu inicialmente com a vida que levava: “Esqueci completamente que acabara de me tornar pai, que adotara um bebê.” (KUCINSKI, 2017, p. 16).

A fragilidade na constituição de laços afetivos com o filho perdura durante todo o enredo, até culminar na conhecida ruptura oficializada pelo pai. É essa fragilidade, essa distância que parece ser intransponível entre eles, que vai suscitar a reflexão do narrador acerca de cada acontecimento que pudesse ter influenciado o destino do filho, uma reflexão apoiada em uma polifonia de vozes que instituem autoridade científica, mas que, mesmo assim, são insuficientes para sanar a questão central que o assombra: poderia o curso dessa história ter sido mudado? Questão esta que é elevada a um outro nível quando atinge o espaço compartilhado entre leitor e narrador: poderiam todas estas outras histórias inscritas nesse contexto (como o racismo e a dependência química) terem sido mudadas?

Ao intercalar comentários sobre estudos de autores como Melanie Klein, Winnicott, Pierre Lévy, Michel Soulé, Freud, Foucault, Wilfred Bion, Piaget, entre outros, Kucinski realiza outro deslocamento no espaço da memória: a instauração da distância executada pela alternância entre primeira e terceira pessoa do discurso que marcam, mais uma vez, o caráter polivalente da obra ao transitar entre relato ficcional e pesquisa documental. E mais, ao fazer uso desse recurso formal na linguagem, o autor amplifica o efeito de aproximação e afastamento ao permitir que o narrador se distancie da própria situação vivida na medida em que se aproxima do leitor por meio da identificação com as considerações expostas pelos especialistas e vice-versa.

São essas marcas que irão balizar as problemáticas abordadas no livro. A começar pelo racismo, o qual é um elemento que penetra profundamente no desenvolvimento da história e para além dos episódios explícitos contados pelo pai. Por isso a necessidade de trazer à discussão a ascendência étnica dos personagens, uma vez que ela se torna um ponto de partida para a compreensão do quanto é arraigado e estruturado a questão racial na formação social apresentada pelo livro, à guisa da própria realidade que retrata.

Para cada trauma, dificuldade e situação de angústia vividos pelo e com o filho durante a infância e adolescência, o pai tenta encontrar uma compreensão para os acontecimentos, bem como uma justificativa para a atitude de renegar o filho. Assim, ele irá pormenorizar as questões que transpassaram e plasmaram o desenvolvimento do adotado, a começar pelas doenças que acometeram a frágil saúde do bebê no começo da vida, no qual assume um papel parcialmente ativo (uma vez que coube à esposa grande parte dos cuidados da criança) na busca de contornar e proporcionar um estado confortável ao menino. Sobre isso, o narrador relembra:

Nosso afeto nasceu descomplicado, pois o bebê adotado é necessariamente um bebê desejado, almejado, procurado. Porém, nasceu no susto, no repente de uma adoção sem aviso prévio. E foi se tecendo de zelos e desvelos, como se cuida de uma plantinha frágil que periga não pegar. Nosso afeto foi feito de romarias quase diárias a pediatras, homeopatas e ortopedistas. E, depois, muito depois, um afeto feito de consultas a psicólogos e medo. Muito medo. (KUCINSKI, 2017, p. 37)

Tal medo mencionado pelo personagem não era originário somente pela preocupação com o bem-estar físico do filho, mas também pela maneira a qual eles o vincularam à uma família. Na medida em que a ancestralidade dos pais era apresentada, a do adotado era questionada, sendo recorrentes as vezes em que as causas das doenças e comportamentos do menino eram motivadas pelo “sangue ruim” e desconhecido que ele carregava. Marcantes são algumas falas que o pai pontua ao longo desse período de recepção da criança na família e no contexto social frequentado por eles: “(...) filho adotivo? Como inscrevê-lo numa genealogia? Num psiquismo de família? E como tudo isso afetaria nosso próprio psiquismo?” (KUCINSKI, 2017, p. 18), seguido dos primeiros ataques discriminatórios por parte de crianças, vizinhos e desconhecidos, os quais contestavam a legitimidade do lugar do menino na família em questão.

Era o início de uma vida defraudada, segundo o narrador. E cada passo nesse novo mundo do menino era marcado por uma ausência que o pai atribuiu a diversos motivos. A falta de conhecimento sobre a mãe biológica, a falta de saúde para o próprio desenvolvimento corpóreo e motor, ou o não preenchimento dos requisitos de um bebê ideal, a falta de reconhecimento na história da família adotiva. A própria falta dos pais preenchida por ele, como uma reposição de afetos, segundo o pai, tanto da incapacidade de conceber quanto das perdas deixadas pelos anos de chumbo no Brasil. É uma ausência que se expande para a distância entre os personagens e, principalmente, para o lugar de direito usurpado do filho adotivo negro, constantemente reposicionado para o lugar relegado, à margem:

Sua condição de filho adotivo já é parte integral de sua personalidade, de sua imagem pública, de seu lugar no mundo. Ele está com nove anos ou pouco mais e sabe que aquela genealogia não é a sua, que é um enxerto num tronco cujas raízes desconhece. (KUCINSKI, 2017, p. 45)

Segundo Rocha (2019), esse não-lugar a ser ocupado pelo filho também é demarcado pela postura do próprio pai. Primeiramente quando este se orgulha da incongruência formada pela imagem familiar, dos pais de feições caucasianas e do menino mulato de cabelos crespos, que, pouco depois, suscitará alívio por representar a partição que afastará da linhagem familiar do narrador as falhas apresentadas pelo filho, visto que o comportamento dele contradiz a composição distintiva de um homem honrado a ser prezado pelo pai. E, posteriormente, pela carta de rompimento, na qual o narrador separa e destaca a diferença primeva entre os dois ao mencionar “os nossos antepassados” como condição inclusa para a formação de um caráter exímio e estimado, destituindo assim o rapaz crescido, por suas escolhas, atos e ascendência, da posição de filho:

(...) há anos te excluístes de nossa família; há anos vens cometendo indignidades, não uma vez, nem duas; e não por descuido. (...) E concluí: eu é que na minha ingenuidade não me dava conta e me atormentava à toa com um filho que já não era meu filho, porque não tinha comigo nada em comum. (KUCINSKI, 2017, p.11)

A partir dessa estruturação divergente de recepção étnica esmiuçada nas relações sociais entre os personagens do livro, o autor irá compor a questão do racismo, embasada para além das cenas que veiculam atos explícitos. Para isso, tal discussão exige a compreensão de como a violência é tecida na história, a violência da sociedade, a do pai e a do filho. Sobre esse assunto, Pellegrini afirma (2011):

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. (p. 16)

Este excerto revela o quão profunda é a origem e o alcance da violência para além dos atos intencionalmente dirigidos a outrem, para além dos atos que extrapolam as aparências para serem reconhecidos como violentos. Essa gradação é construída nas histórias dos personagens de maneira a revelar o espectro em que a violência subsiste antes de chegar ao seu ato mais característico de uso da força. Segundo Cury (2008), o alçamento dessa questão ao papel central de discussão nos centros urbanos é, também, uma das referências de análise na produção da literatura contemporânea:

Representações da pobreza e da marginalidade, do mundo das drogas e da prostituição, personagens migrantes, o universo dos marginais e dos excluídos do sistema dão a tônica a tais produções. Expressam, contudo, diferenças que se configuram no espaço simbólico, com variações nas suas estratégias narrativas, nas vozes enunciativas que privilegiam, embora sob o denominador comum da temática da violência, da crueldade. (2008, p.10)

É interessante analisar o cotejo desses apontamentos na escolha narrativa de *Pretérito imperfeito*, por meio do qual o autor levanta grande parte dos elementos elencados por Cury. Haja vista que a voz detentora de controle quase total dos fatos não é do indivíduo atingido diretamente pelos mecanismos que empregam a violência em sociedade, embora ele mesmo incorpore atos dela. Dessa maneira, como ele é apenas narrado, as experiências vividas pelo filho só podem ser compreendidas pela perspectiva paterna. De modo que este seja posicionado como o responsável por fornecer a lente de aumento para as variadas formas de violência estrutural no Brasil, além das reverberações do modelo ditatorial anterior que reforçam essa condição e penetram na educação de pai para filho. Em consonância com o exposto, cabe, então, a interrogação de como essa intencionalidade pode atuar sobre a categoria “espaço”, enquanto vivência, a ser compartilhado entre autor e leitor.

Para isso, faz-se necessário destacar algumas considerações de constituição da violência simbólica, de maneira a compreender como a própria categoria proposta para análise é enredada por esse elemento. Segundo Bourdieu (1989), a violência simbólica é constituída por um mecanismo de imposição de um arbitrário cultural de concepção de classes dominantes que estrutura nas camadas relacionais da sociedade uma violência invisibilizada. Tal mecanismo tem como consequência o mascaramento de crenças e preconceitos coletivos em compreensões “naturais” ou aceitáveis para o convívio em sociedade. Ademais, Odalia (1993) também expõe:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. (...) o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (p.22).

Esses apontamentos ganham expressão na obra quando é observável no texto as marcas estruturais dessa violência simbólica na rede de lembranças que apresentam as situações vividas pelo filho renegado. Como exemplo, destaca-se um momento no qual é possível identificar a questão da violência tanto no arco de desenvolvimento do filho, quanto no meio social que o autor traz para sublinhar esse componente que subjaz às relações em sociedade:

Nossa polícia é zelosa em flagrar garotos com maconha. Se lhes parecem filhinhos de ricos, extorquem sob a ameaça de prisão. Se são negros ou mulatos ou parecem pobres, processam o flagrante, para mostrar serviço e compensar o que antes não fizeram. Nem sempre são mantidos presos, todavia são sempre processados e fichados. Assim aconteceu com ele. Lembro que pedi a um advogado amigo para contestar o flagrante e anular o processo. Pai de dois adolescentes e mais experiente, ele disse: vou dar um conselho, deixe como está, serve como dissuasão. Assim fiz. (KUCINSKI, 2017, p. 64)

Neste trecho é possível destacar três componentes que terão ação sobre o espaço de espectador suscitado pelo narrador. Em primeiro, a questão racial, da qual Kucinski já havia tecido a partir da rede imbricada de agruras que comportam a convivência familiar do adotado na trajetória inicial do enredo. Agora, explicita-se em uma situação mais palpável, embora ainda amplamente naturalizada no país. De acordo com Bersani (2018), o racismo estrutural se constitui como um sistema de opressão que ultrapassa o plano consciente, uma vez que é por meio de um arrimo inconsciente que ele irá conceber a estrutura responsável por manter, reproduzir e recriar tanto as desigualdades quanto os privilégios. Enquanto inconsciente, o teórico o concebe de forma a evidenciar que ela é intrínseca ao indivíduo e, por isso, transcende a formatação das instituições vigentes, bem como toma parte na compreensão estética do mundo. Desse modo, inscreve-se dentro do conjunto de práticas culturais e, portanto, interpessoal, institucional e histórico. Isto é, ao compor a própria configuração de sociedade, torna-se também naturalizada.

Em segundo, a problemática da dependência química que irá desencadear toda a série de atos que levará o narrador a dar fim no vínculo paterno-filial já precário. As ações expostas do filho quando envolto pelas promessas do paraíso artificial também trazem à discussão a questão da violência institucionalizada e dirigida ao dependente químico, quando usurpados do lugar de humano dado a sua condição, e a violência reproduzida e praticada por pelo filho como forma de se posicionar em meio aos conflitos. São duas perspectivas, que não necessariamente se opõem, mas se encontram na arena controversa da formação social humana, na medida em que perpetua a violência ao legitimá-la para fins institucionalmente aceitos.

O momento catalisador da descida do garoto até o círculo infernal, maneira a qual o pai via o universo da dependência química, começa então a ser perseguido na memória do narrador por meio em cada pista deixada pelo filho, a começar pelas fotografias de família, passando por comportamentos e decisões do menino ao longo da adolescência. “A máquina fotográfica tornada em câmera de segurança. Flagrantes podem prenunciar o indesejável. Ainda que não o façam, formarão uma narrativa imagética em família carregada de nexos.” (KUCINSKI, 2017, p. 33).

Dessa maneira, o autor irá reavaliar entre as poses congeladas, um sorriso forçado, um olhar semicerrado, um semblante sério, momentos críticos que poderiam ter levado o filho à busca pelos entorpecentes, seja por recreação, fuga ou desafogo. Quando o uso das substâncias ilícitas começou a tomar forma compulsiva, também veio à tona o conjunto de práticas imorais e violentas que esgotou pouco a pouco a relação afetiva:

Abandonará o trabalho, o estudo ou qualquer outro interesse que não seja a insaciável busca da pedra. Venderá os objetos de valor da casa. Roubará dos pais e dos avós. Se tiver companhia, baterá na mulher para arrancar seu dinheiro. Tudo isso que ele faria nos anos seguintes e que me levaria a escrever a carta. (KUCINSKI, 2017, p. 79)

Isso remete a terceira componente que terá ação sobre o deslocamento para o espaço de observação: a denúncia do fracasso em educar uma geração, reflexão

esta que é focalizada em suas atitudes como pai na formação do filho. Uma linha sobre a violência que o autor estende ao campo da educação, não para defini-la como única causa que exerceu influência sobre o destino do filho, mas para problematizá-la enquanto as perspectivas adotadas por uma geração para a reorganização da sociedade, tal como foi a do período pós ditadura vivido na história. Dessa forma, o autor relembra uma série de situações em que suas ações como pai foram marcadas apenas pela aceitação do distanciamento existente entre ele e o filho, o que reforça sua autocrítica a respeito do exercício da paternidade.

Logo, “assim fiz” se torna uma fala recorrente que marcou cada tomada de decisões e ações realizadas pelo narrador com o intuito de propiciar um melhor desenvolvimento para o filho, ao mesmo tempo que também delimitou o alcance daquela atuação paterna ao se colocar como espectador perante o vazio existente na sua relação com o filho. A falta, desta vez, parte de um posicionamento do pai para se somar às faltas já carregadas pelo filho.

Minha geração, de filhos e netos de imigrantes, recebeu educação simplificada, por vezes grosseira. Para muitos de nossos pais, bater no filho era modo de educar. Crianças não tinham personalidade própria. Eram pré-projetos de adultos. Como para compensar, minha geração pôs a criança num pedestal, como um pequeno deus. *E, desde cedo, terapias.* (KUCINSKI, 2017, p. 71, grifos meus)

Este trecho é essencial para compreender como a ditadura militar no Brasil torna-se um elemento marcante na visão do pai a respeito da educação a ser transmitida ao filho. Ao vir de uma experiência marcada pelo modelo autoritário da época que antecedeu a adoção da criança, caracterizado pela repressão de direitos, expressão individual e coletiva, o narrador procurou tentar assumir uma postura mais flexível e até mesmo dialógica em relação ao desenvolvimento do adotado. Diante disso, o destaque para “E, desde cedo, terapias”, o qual o autor põe em crítica perante a autoanálise feita pelo narrador ao lembrar tal posicionamento em relação ao garoto. Outra vez, não como meio de problematizar a contribuição dessa área para o desenvolvimento humano, mas sim para denunciar a transferência de responsabilidade ao depositar o encargo de resolução de problemas apresentados pelos filhos a essas instituições especializadas.

A crença no poder de ação advindo das intervenções de profissionais é balanceada juntamente com uma liberdade, substanciada pelo contexto liberal posterior à ditadura, que quase o ausenta do processo de tomada de decisões a ser feito pelo filho (do qual pouco sabemos das motivações, a não ser pelo que é filtrado da percepção paterna). Além disso, revela a própria angústia diante da incapacidade de administrar a educação do menino, a começar pela falha na inscrição deste no contexto familiar carregado pela família, seguindo-se para o fracasso em estabelecer uma conexão afetiva que pudesse oferecer compreensão e culminando para a impotência na intervenção que ele próprio deveria ter realizado. Enfim, resignou-se a aceitar sua relação com o filho e a vida do próprio como algo já acabado e não passível mais de mudanças, como alguém que também contribuiu para o curso da história do filho. Ao espaço daquele que somente pode observar.

Os outros falam de seus filhos - e nos calamos. Como são inteligentes - e nos calamos. Como são estudiosos - e nos calamos. Como são talentosos - e nos calamos. E nos calamos, nos calamos, nos calamos. Por um longo tempo, nos calamos. Para que estigmatizá-lo? Ninguém precisa saber. Isso vai passar. (KUCINSKI, 2017, p. 74)

Calar-se. Ato que contrasta com o debate inquirido pela reflexão do narrador e que com ele estabelece o fio condutor da expressão poética da obra. Esse trecho antecede a primeira vez em que os pais decidem compartilhar a situação de dependência química com outrem, um desabafo à procura de conforto, de um alívio para silêncio que pesava na família. Do mesmo modo que prenuncia um primeiro passo ao enfrentamento do problema, também caracteriza o lugar do pai no relacionamento com o filho, sendo revista ao longo do passar dos anos compartilhados entre os personagens. O sentimento de angústia que se afunila no medo e se transforma com as expectativas não cumpridas pelo filho, momentos nos quais o narrador não hesita em expor suas reações e percepções preconceituosas, traz à tona o aspecto central de autocrítica de quem nos conta a história: a deserção.

Sobre isso, é interessante destacar como o narrador homodiegético também cria para si o espaço de espectador ao se distanciar do lugar de ação para abrigar a insuficiência de seu papel em mudar a história compartilhada. Primeiro, ao desistir do filho em diversas situações expostas e, em segundo, ao reexaminar tais memórias por meio da racionalização do acontecido, a partir da inserção das falas de autoridade científica. Essa reflexão autocrítica é reforçada ao se estender para o espaço a ser ocupado pelo leitor nessa narrativa, de forma tal que o autor, Kucinski, após tecer o emaranhado contexto que inscreve tanto quem narra quanto quem lê nas questões que habitam o campo de recepção da obra, também nos desloca para o lugar ativo da autocrítica, agora não mais em relação à atitude dos personagens. Esse espaço enquanto espectador subverte o foco não para os problemas que compõem a sociedade, mas para nossa reação frente a essas problemáticas. Ao trazer a questão da alteridade para a compreensão do lugar do outro como produtor na narrativa, é, novamente, desvelada a expansão operada pelo encontro entre o ficcional e o real: o questionamento de nosso posicionamento perante uma sociedade arraigada em desigualdade.

Considerações finais

Pretérito imperfeito se despede com um questionamento. O pai, após compartilhar a história de seu relacionamento com o filho, reencontra-se com ele em uma nova perspectiva. Em processo de reabilitação, o filho o procura para visitar partes do passado que ainda representam uma incógnita: a mulher que o trouxe à vida. A busca do filho por determinar suas origens é exposta pelo narrador não mais como forma de compreender o passado, mas de habitar no tempo presente. A trajetória, então, feita pelo narrador em busca de delimitar as falhas e lacunas que abrigaram a história contada é deslocada uma última vez e um novo espaço é delineado: o da mudança, como possibilidade. O tempo presente se

expande com a nova vida do rapaz: empregado e centrado, afastado do uso de entorpecentes. No entanto, a sensação de controle que escapava à vivência narrada é encontrada não como assertiva deste tempo presente, mas como chamado para o questionamento sobre o futuro. Como aquela nova vida acolherá o pretérito imperfeito carregado pela família? É chegada a vez de ele findar, afinal? O narrador termina o relato com certa esperança, apesar das dúvidas.

Em síntese, a categoria espaço como método para análise da literatura brasileira contemporânea cunhado por Cury (2008) e Tuan (1983) e proposto neste artigo permitiu o delineamento das reflexões iniciais acerca do lugar compartilhado entre narrador e leitor na construção de significado na obra, na medida em que a linguagem do autor desvela essa reciprocidade por meio das experiências apresentadas pelo narrador. Os deslocamentos operados pelos recursos empregados na obra possibilitaram o diálogo entre o literário e o documental, entre o ficcional e o autobiográfico na medida em que também foi capaz de inscrever o leitor na memória individual do narrador, por meio de questões que também constituem a contemporaneidade. Nesse mesmo processo, Kucinski conduz o enredo para um último deslocamento: a da possibilidade de mudança suscitado no encontro com o tempo presente, no qual o fim, enquanto continuidade, abriga-se no espaço atado entre ficção e real ao suscitar o questionamento do pai em relação ao filho e do autor em relação ao tempo presente que nos habita, com todas as questões que o compõem e nos enlaçam.

Referências

- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/148025>. Acesso em: 6 dez. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- CALFA, Maria Ignez de Souza. Espaço. In: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). *Convite ao pensar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014. p. 79-80.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. *Letras de Hoje*, Rio Grande do Sul, v. 42, n. 4, p. 7-17, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4109>. Acesso em: 18 out. 2020
- KUCINSKI, Bernardo. *Pretérito imperfeito*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ODALIA, Nilo. *O que é violência*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- ROCHA, Edinael Sanches. "Para que serve um filho desses?" Breve leitura de Pretérito imperfeito, de Bernardo Kucinski. *Ide: psicanálise e cultura*, São Paulo, v. 41, n. 67-68, p. 137-148, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v41n67-68/v41n67-68a13.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, p. 15-34, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>. Acesso em: 25 out. 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Para citar este artigo

FRANÇA, Lara Faria Jansen. Memórias de um "Pretérito imperfeito": uma leitura da obra de Bernardo Kucinski. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1008-1022, set.-out. 2021.

A autora

Lara Faria Jansen França é graduada pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).